

HISTÓRIA ORAL PARA CONHECER UMA PROFESSORA QUE ENSINA MATEMÁTICA EM UMA ESCOLA DO CAMPO

Jader Gustavo de Campos Santos
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – câmpus Cornélio Procópio
jj_gustavo@hotmail.com

Thaís Maiara Bailão
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – câmpus Londrina e Cornélio Procópio
thaisbailao@gmail.com

Cíntia Aparecida Paião
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – câmpus Londrina e Cornélio Procópio
cintiapaiao@utfpr.edu.br

Línlya Sachs
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – câmpus Cornélio Procópio
linlyasachs@yahoo.com.br

Resumo:

Este artigo, parte de um projeto de pesquisa que visa conhecer os professores que ensinam matemática em escolas do campo, traz o resultado da entrevista realizada com uma professora que atua em uma escola do campo do município de Bandeirantes – pertencente à mesorregião Norte Pioneiro, do estado do Paraná. Para tal, tivemos como aporte metodológico a História Oral. Tecemos alguns comentários nossos a partir da narrativa, sendo eles referentes à formação inicial da professora, à escolha por atuar em uma escola do campo, a sua sensibilidade com a condição de trabalhadores rurais de seus alunos e a sua preocupação com as avaliações externas.

Palavras-chave: Educação Matemática. Escolas do Campo. Professores que ensinam matemática. História Oral.

Introdução

Este artigo faz parte de um projeto de pesquisa maior, que visa conhecer os professores que ensinam matemática em escolas do campo. Tal projeto foi motivado pela pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), que revelou que, em 2005, dos 327.176 professores que lecionavam nas escolas do campo em todo o país, 65,1% não tinham formação em nível superior (INEP, 2007).

Isso reflete um pouco da realidade das escolas do campo no Brasil que, historicamente, foram marcadas por problemas referentes a infraestrutura, investimentos públicos, formação dos professores, evasão e distorção idade-série dos estudantes.

Mudanças importantes têm acontecido nesse cenário, a partir de políticas públicas resultantes das lutas dos movimentos sociais do campo, como o Programa Nacional de Educação do Campo (PRONACAMPO)¹, instituído em 2012. Esse programa está estruturado em quatro eixos², sendo um deles o de Formação Inicial e Continuada de Professores.

Interessados em conhecer quem são os professores que ensinam matemática, hoje, nas escolas do campo, considerando suas histórias de vida, iniciamos com um processo de recorte. Como nosso objetivo não está em quantificar esses professores, mas compreender os processos que os levam para e os mantêm nas escolas do campo, assim como suas compreensões sobre aulas de matemática nesse contexto, reconhecemos que este projeto de pesquisa não trará um panorama nacional, mas, sim, uma imagem com *zoom*³, microabrangente.

Situados, como estamos, no estado do Paraná, optamos, no citado projeto de pesquisa, por olharmos para uma de suas nove mesorregiões: o Norte Pioneiro. Ele é composto por 46 municípios, sendo que 20% de sua população vive em regiões rurais, como mostra uma pesquisa realizada pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (PARANÁ, 2012).

Para este artigo, trazemos o resultado da entrevista realizada com uma professora que atua em uma escola do campo do município de Bandeirantes, que faz parte da microrregião de Cornélio Procópio, uma das cinco microrregiões do Norte Pioneiro. Com isso, buscamos conhecer a história de vida dessa professora que ensina matemática em uma escola do campo. Para tal, tivemos como aporte metodológico a História Oral.

História Oral

Apresentamos a História Oral como aporte metodológico, baseados em Garnica (2011), pois objetivamos constituir fontes históricas que servem para focar determinados objetos de pesquisa. No nosso caso, a educação do campo é o objeto da pesquisa, enquanto a

¹ <http://pronacampo.mec.gov.br/>

² São eles: Gestão e Práticas Pedagógicas; Formação Inicial e Continuada de Professores; Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional; e Infraestrutura Física e Tecnológica.

³ Metáfora utilizada por Barbosa (2014).

fonte é a entrevista realizada com uma professora que ensina matemática em uma escola do campo, do município de Bandeirantes.

A História Oral, como afirmam Santhiago e Magalhães (2015, p. 22), “pode ser entendida de duas maneiras: como um método que registra memórias narradas, através de entrevistas e como resultado desse método, isto é, como fonte de informações”.

Como um movimento de “contra-história” (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 25), as fontes de pesquisa da História Oral são aquelas pessoas a quem não foram atribuídos grandes feitos históricos, no entanto participaram de muitas situações cruciais e possuem informações únicas e privilegiadas de cada fato. Trata-se, portanto, da história proveniente da memória das pessoas comuns, registrada a partir das entrevistas e complementadas, possivelmente, com outras fontes – como arquivos e fotografias.

Especificamente na Educação Matemática, apoiamo-nos nas pesquisas realizadas pelo Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM), liderado por Antonio Vicente Marafioti Garnica. Entendemos assim, a História Oral “como uma metodologia de viés qualitativo a partir de interlocuções com áreas nas quais esse modo de proceder – e de justificar os procedimentos – já era usual, como a história, a história da educação, a sociologia, a arte, os estudos culturais” (GARNICA, 2015, p. 39). Seguimos, ainda, a proposta de trabalhar com narrativas a partir de registros orais, constituindo, assim, fontes historiográficas.

Para servir a pesquisas, usualmente narrativas orais são registradas por escrito devido à durabilidade do suporte e à facilidade de manuseio. Narrativas orais tornadas narrativas escritas são fontes historiográficas legítimas. A história oral é um modo de produzir narrativas orais e com essa finalidade tem sido mobilizada por inúmeros agentes, dentro e fora da academia. Na academia ganha contornos mais rígidos, inscreve-se numa determinada ordem de discurso e passa a ser vista como metodologia de pesquisa de abordagem qualitativa (GARNICA, 2015, p. 40-41).

Os procedimentos que utilizamos aqui podem ser descritos e divididos em três momentos: (i) a preparação da entrevista, que consiste, primeiramente, na decisão de quem ser entrevistado, no contato com a pessoa escolhida, na apresentação da pesquisa, no agendamento da entrevista e, também, na elaboração do roteiro de entrevista; (ii) a realização da entrevista, com sua gravação em áudio; (iii) a transformação do registro oral gravado em um texto escrito, primeiro com a transcrição literal da entrevista e, depois, com a sua textualização, que é a edição da transcrição, com vistas a retirar do texto marcas da expressão

oral e a torná-lo mais “legível”, de modo que o colaborador⁴ continue se reconhecendo na fala; e, por fim, (iv) a concordância do colaborador com o texto gerado a partir da entrevista (formalizada por meio de uma carta de cessão).

Entrevista

Nesta seção, apresentamos a textualização feita a partir da entrevista realizada com a professora Andrea⁵, professora da Escola Estadual do Campo Nossa Senhora da Candelária, localizada na área rural do município de Bandeirantes, Paraná.

A entrevista teve como objetivo conhecer os caminhos que levaram a professora a se aproximar da educação do campo, na tentativa de compreender como uma professora que ensina matemática em uma escola do campo tem percebido e compreendido esse espaço.

Para isso, foi criado um roteiro, organizado em formato de fichas que foram disponibilizadas para a professora, dando total liberdade para ela escolher a ordem e os assuntos sobre os quais falaria. O conteúdo das fichas utilizadas para a entrevista foi:

- Quem sou eu?
- Minha formação...
- Como se deu a minha aproximação com a educação do campo?
- Experiência na docência na educação do campo...
- Dificuldades em lecionar em uma escola do campo...
- Como eu trabalho a valorização do povo do campo nas aulas?
- Minha participação na formação continuada...
- Uma música ou um poema que represente a luta do povo do campo...
- Minhas expectativas...
- Um fato marcante...
- O que me motivou a me tornar professora?

Apresentamos a seguir, na íntegra, a narrativa constituída a partir da entrevista, com a concordância da colaboradora (conforme descrito anteriormente). Utilizamos a grafia em *itálico* para esse texto.

⁴ Optamos, baseados na abordagem adotada pelo GHOEM, por utilizar o termo “colaborador” ao invés de “depoente” ou “entrevistado”, visto que esse sujeito, de fato, colabora para a constituição de fontes históricas.

⁵ O nome da professora é real e foi por ela permitido de ser divulgado em carta de cessão de direitos da entrevista. Optamos, aqui, por utilizar apenas o primeiro nome.

Andrea é professora, formada em Licenciatura em Ciências com Habilitação em Química, possui especialização em Inclusão, Metodologia de Ensino e Prática de Ensino de Ciências, atuando na disciplina de Química no Ensino Médio e Matemática com uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental, no período da manhã, e outra turma do 2º ano do Ensino Médio, no período noturno. Leciona há 29 anos e se tornou professora por influência da mãe, que é professora de matemática aposentada, que acabou fazendo com que ela se apaixonasse pela profissão. No seu tempo, as crianças queriam ser professoras por influência das mães ou por inspiração de alguma professora, conta Andrea. Já a paixão pela Química se deu por influência da professora Claudete, sua professora no Ensino Médio: “A culpa é da senhora que eu tô nessa, tá?” – brinca Andrea, dizendo que a motivadora era uma excelente professora e que gostava muito de suas aulas.

Os primeiros anos da carreira de Andrea se deu no Colégio Estadual Nobrega da Cunha⁶ na disciplina de Ciências e, em seguida, após concluir a habilitação em Química, trabalhou no Colégio Estadual Cyríaco Russo⁷ e demais escolas do município de Bandeirantes, no Paraná. A experiência com a educação do campo é de longa data, pois trabalhou por aproximadamente 15 anos no Colégio Estadual Usina Bandeirantes⁸, até seu fechamento. Após 5 anos afastada da educação do campo, atualmente Andrea optou por trabalhar no campo novamente no Colégio Estadual do Campo Nossa Senhora da Candelária, apesar de continuar atuando nas escolas urbanas.

Na visão de Andrea, a escola do campo marca a vida do professor, em razão da realidade dos alunos do campo. Hoje, apesar de eles terem acesso a muitos recursos que, até então era privilégio da população urbana, eles têm histórias do dia a dia recheadas de riquezas. Eles sempre têm uma novidade para contar, seja por um trator que eles estavam dirigindo e que acabou encalhando ou pelo contato próximo com os animais, muitas vezes eles têm mais experiência do que nós que vivemos na zona urbana. Outro fator importante sobre os alunos do campo é que a grande maioria ajuda os pais nos afazeres. Por exemplo, os alunos que estudam no período matutino voltam para casa e, após o almoço, vão trabalhar o restante do dia com os pais no campo. Já os alunos que estudam no período da noite trabalham o dia todo e muitas vezes chegam esgotados para a aula.

⁶ Escola localizada na zona urbana do município de Bandeirantes, estado do Paraná.

⁷ Escola localizada na zona urbana do município de Bandeirantes, estado do Paraná.

⁸ Escola fundada em 1947, no município de Bandeirantes, estado do Paraná, pelo proprietário da Usina de Açúcar e Alcool Bandeirantes S/A, com o objetivo de atender os colonos e seus filhos, trabalhadores desta e de outras usinas da cidade. As atividades da escola foram finalizadas em 2014.

Andrea conta um episódio em que um dos seus alunos tinha passado a madrugada toda amarrando alfafa, pois à noite o orvalho deixa a alfafa mais úmida, ficando mais fácil de executar o trabalho e, por causa disso, estava com a mão toda cortada. Após passar a matéria no quadro, Andrea conta que ela mesma copiou a matéria para o aluno.

A valorização dos povos do campo nas aulas não é algo difícil para a professora. Segundo ela, basta ouvir o aluno, escutar o que eles têm a dizer e, a partir disso, desenvolver um trabalho com eles com base na experiência que eles têm, porque eles possuem uma riqueza de experiências. Um dos trabalhos na disciplina de Ciências foi a organização de uma horta na escola que, apesar de existir, estava um pouco abandonada. Ela conta que os últimos horários da sexta-feira eram uma alegria para eles, pois era quando eles cuidavam da horta. Eles já vinham de botina para a escola e sabiam manusear a enxada melhor que a professora, também sabiam o que era bom para acabar com as ervas daninhas e a Andrea conta que mais ficava olhando e aprendendo do que ensinando.

No curso que a professora está fazendo, por meio do Grupo de Trabalho em Rede (GTR), oferecido pelo governo do Estado do Paraná, ela está trabalhando com os chás, o curso é voltado para a disciplina de Química e a proposta é trabalhar aquele antigo chazinho da vovó. Por conta disso, Andrea conta que já começou a trabalhar com os alunos do Ensino Médio as plantas medicinais, as que são usadas para chás e as que são tóxicas e que não devem ser usadas. A empolgação dos alunos foi tanta que eles já levaram uma lista de coisa que as mães usam, e mesmo não tendo pedido ainda, alguns levaram até folhas de carqueja para a aula e perguntaram para a professora se ela conhecia, que disse que só conhecia o produto processado vendido na farmácia e que nem sabia como era a flor da carqueja. Então, quando são abordados assuntos que eles conhecem, eles querem ensinar, eles gostam de ensinar para os professores e, às vezes, ela fica meio sem graça por não saber.

Sobre os cursos de Licenciatura em Educação do Campo, a professora sabe que eles existem, porém ela destaca que apesar da valorização do campo nas aulas, o professor não pode se esquecer que há um currículo que deve ser cumprido, além das provas como o Exame Nacional do Ensino Médio, da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas e também o vestibular. Os alunos são bem esforçados e, em um trabalho realizado com eles utilizando as atividades das antigas olimpíadas, foi possível ver que eles têm se esforçado para se saírem bem e querem mostrar que são bons.

Uma observação feita pela professora a respeito dos alunos do campo é que ela nota que a maioria diz que quer fazer um curso superior em Agronomia, Medicina Veterinária ou

um curso para trabalhar como Técnico Agrícola, pois eles têm vontade de continuar no campo ajudando os pais e, com um curso superior, isso pode ajudar muito, já que os pais não tiveram essa oportunidade e eles gostam de onde vivem e do que fazem e não querem morar na zona urbana.

Outro relato destacado por Andrea é que, às vezes, ela encontra alguns alunos na cidade e eles brincam que precisam de um pouco do ar da cidade para descansar da rotina do campo.

Os pais dos alunos da escola do campo valorizam muito o estudo. Nas reuniões para a entrega dos boletins ou em qualquer outra atividade realizada na escola, há uma grande participação dos pais, eles são atuantes e participativos e isso é muito importante e é algo que, nas escolas da zona urbana em que a professora atua, isso não é tão comum de se acontecer.

Comentários nossos

Teceremos alguns comentários nossos a partir da narrativa apresentada, destacando aquilo que nos salta os olhos, com o intuito de propiciar discussões relativas à educação do campo e àquilo que a cerca.

Uma primeira observação se refere à formação inicial de Andrea – Licenciatura em Ciências com Habilitação em Química –, que é professora de matemática, sem habilitação para tal. Não pretendemos com essa observação apontar possíveis falhas da professora, por conta da sua formação; apenas evidenciar algo muito conhecido daqueles que têm alguma aproximação com as escolas públicas do estado do Paraná: os professores, sejam eles concursados ou contratados temporariamente, nem sempre atuam nas suas áreas de formação. Queremos chamar a atenção para isso, em especial, no caso das escolas do campo.

Por diversas razões, notamos que isso tem sido muito comum nessas escolas. Algumas razões são: a falta de professores com formação na área dispostos a trabalhar em escolas do campo (seja por um déficit de profissionais ou por motivos relacionados à dificuldade de deslocamento para a escola, como ausência de transporte público ou destinado aos servidores da escola e tempo alto necessário para isso); a necessidade que os professores que atuam nas escolas do campo têm em completar sua carga horária (pois a quantidade de aulas de sua disciplina nessa escola pode ser inferior à sua carga de trabalho semanal) e a

dificuldade – em alguns casos, impossibilidade – de fazê-lo em outra escola, devido à distância.

Seguimos com uma observação referente às palavras da professora Andrea, quando conta que o trabalho na escola do campo foi uma escolha sua. Entendemos que uma escolha como essa, considerando que ela não é moradora do campo, deve ser proveniente de experiências positivas, vividas anteriormente, nos anos de trabalho realizado em outra escola do campo. Essa nem sempre é a escolha dos professores que atuam em escolas do campo. Muitos, por estarem mal classificados nas seleções realizadas para contratação de professores, optam por escolas do campo, por não haver vaga em escolas urbanas – como é o caso de uma professora de matemática, entrevistada por Barbosa (2014, p. 133), que afirma: “eu fui para escola em que tinha vaga e era a escola do campo”. Isso pode gerar um problema muito sério da educação, que é a rotatividade de professores (INEP, 2007). Além disso, pode levar para escolas do campo profissionais que, muitas vezes, não têm uma preparação para lidar com a realidade que vai encontrar.

Escolher trabalhar em uma escola do campo pode fazer toda a diferença no trabalho desempenhado pelo professor, pois esse fato mostra o reconhecimento da importância do povo do campo e das lutas diárias para se manter lá – o que não significa que esse reconhecimento não ocorra sem essa livre escolha. O reconhecimento pode ser observado em outra fala da professora, quando ela diz que a valorização dos povos do campo nas aulas não é algo difícil de ser feita. Para ela, o professor precisa ouvir o que os estudantes têm a dizer, se conscientizar de que pode aprender muito com eles e que isso pode colaborar para o desenvolvimento das práticas durante as aulas.

Outro aspecto a ser considerado na fala de Andrea é referente à realidade social dos estudantes, advindos de famílias de trabalhadores rurais, que é desvelada por ela com sensibilidade. A professora reconhece a condição de também trabalhadores rurais em seus alunos, evidenciando as condições insalubres em que os mesmos relatam a realização de tarefas em seus locais de moradia e, também, as dificuldades que esses perpassam para estar no ambiente escolar. Isso se dá no relato do estudante que passou a madrugada amarrando alfafa.

Marcados pelo cansaço e machucados, os estudantes trazem à vista a realidade social do campo, que, de forma geral, atende aos padrões da exploração e precarização do trabalho (TEIXEIRA; FREITAS, 2003; SOARES; ALMEIDA; MORO, 2003), além de desvelar a

condição de ausência de políticas sociais voltadas para a garantia dos direitos essenciais básicos das crianças e adolescentes que vivem no campo.

Compreendemos aqui que, tanto na realidade do campo, quanto na urbana, historicamente e culturalmente, crianças e adolescentes filhos de trabalhadores foram submetidos a condições degradantes de trabalho, seja para complementar a renda da família ou para servir de apoio para os familiares na realização das tarefas.

A garantia de políticas sociais que atendam às necessidades essenciais de dignidade de existência das famílias brasileiras, seja no campo ou na área urbana, é condição elementar para o enfrentamento do trabalho na infância e adolescência, e conseqüentemente para a garantia de uma experiência de aprendizagem qualitativa, no sentido de ser, para as crianças e adolescentes em fase escolar, a atividade mais importante dessa fase da sua vida. Quanto a isso, o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, estabelece que:

é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

A atitude da professora diante da dificuldade para copiar as tarefas devido aos machucados mostra a grandeza da atividade docente em uma sala de aula. A humanização por meio do trabalho pedagógico revela-se aqui pela demonstração da empatia e da ajuda. Juntamente com a ação de orientar a aprendizagem de conteúdos e conhecimentos, o professor também compartilha valores com seus alunos.

Por fim, um último comentário que fazemos é sobre as avaliações externas citadas pela professora Andrea. Elas se colocam como norteadoras do trabalho pedagógico, ao contrário do que se esperaria. Assim, o professor, preocupado com resultados dessas avaliações – como é o caso do Exame Nacional do Ensino Médio – tem uma dificuldade, que é o tempo insuficiente para cumprir os conteúdos que são cobrados. Dessa forma, resta pouco tempo para outras atividades – e é o que a professora Andrea pontua.

A pesquisadora Gelsa Knijnik, em uma palestra proferida, na cidade de São Paulo, durante o XII Encontro Nacional de Educação Matemática afirma que é importante, por parte do professor, “uma não (completa) sujeição às avaliações de larga escala”⁹. Apesar das razões diversas do professor para essa preocupação com as avaliações, é necessário pontuar que elas têm conseqüências para os estudantes, que envolvem a classificação e a exclusão.

⁹ Publicado apenas resumo referente à palestra. O trecho citado fez parte da fala da pesquisadora.

Próximos passos

Para finalizar este texto, ao invés de retomar o que foi feito, optamos por indicar os próximos passos, que consideramos relevantes, para esse projeto de pesquisa.

A entrevista com a professora Andrea, aqui apresentada, inicia um ciclo de entrevistas com professores que ensinam matemática em escolas do campo – especificamente, da microrregião de Cornélio Procópio. O que pretendemos com isso? Sair dos números e entrar nas vidas. Entendemos que conhecer as razões particulares que fazem um professor atuar e continuar atuando em uma escola do campo é uma forma de compreender quem são esses professores. Sem o objetivo de generalizar, queremos nos aproximar da realidade dessas escolas e desses professores.

Ainda, conhecer o que esses professores consideram importante para suas aulas de matemática é lidar, um pouco mais de perto, com as concepções a respeito de currículo, de educação, de educação do campo e de educação matemática que eles têm. Longe de concebermos esses itens como abstratos, pertencentes ao campo teórico, entendemos que eles se fazem na prática diária, do professor comum, das escolas reais. E, ainda, como afirma Lopes (2016, p. 133), “essa história apenas diz de um lugar. De um chão. De uma realidade. Mas de um modo ou outro, essa é a realidade de muitas escolas, de muitos professores, de muitos alunos. Uma realidade que transcende a outras. Uma realidade estampada pelo Brasil afora”.

Referências

BARBOSA, L. N. S. C. **Entendimentos a respeito da matemática na educação do campo: questões sobre currículo**. 2014. 234 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

BRASIL, Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. **Diário Oficial República Federativa do Brasil**, Brasília, 16 jul. 1990.

GARNICA, A. V. M. História Oral e História da Educação Matemática: considerações sobre um método. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 1., 2011, Covilhã. **Anais...** Covilhã, 2011. p. 1-12.

GARNICA, A. V. M. História oral em educação matemática: um panorama sobre pressupostos e exercícios de pesquisa. **História Oral**, v. 18, n. 2, p. 35-53, jul./dez. 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Panorama da educação do campo**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

LOPES, R. M. G. **Histórias de uma pesquisa(dora) em uma escola do campo com professores que lecionam Matemática**. 2016. 143 p. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2016.

PARANÁ. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Perfil da região geográfica Norte Pioneiro Paranaense**. 2012. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?codlocal=704&btOk=ok>. Acesso em: 22 jan. 2017.

SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. **História Oral na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SOARES, W.; ALMEIDA, R. M. V. R.; MORO, S. Trabalho rural e fatores de risco associados ao regime de uso de agrotóxicos em Minas Gerais, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1117-1127, jul./ago. 2003.

TEIXEIRA, M. L. P.; FREITAS, R. M. V. Acidentes de trabalho rural no interior paulista. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 81-90, abr./jun. 2003.